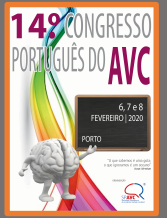


Género e Risco de Queda no doente com Acidente Vascular Cerebral

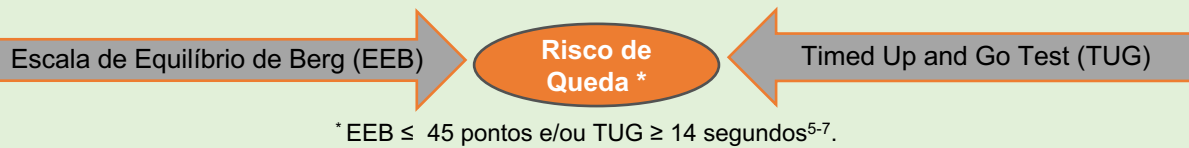
Anabela Correia^{1,2}, Carla Pimenta^{1,2}

1. Fisioterapeuta, Hospital Curry Cabral, Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central;
2. Professora Adjunta Convidada, Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa



Introdução. Tem sido demonstrado que homens e mulheres têm um perfil diferente de fatores de risco vasculares com diferente resposta ao tratamento médico e às intervenções terapêuticas; apresentando também níveis de incapacidade e complicações dispares^{1,2}. As quedas são uma das complicações mais comuns após AVC³ e alguns autores referem que as mulheres apresentam maior risco de queda⁴. **Objetivo.** Comparar o risco de queda entre homens e mulheres vítimas de AVC.

Estudo Observacional 50 meses **Amostra Consecutiva** AVC < 24 meses **Fisioterapia em Ambulatório**



248 Pacientes com diagnóstico de AVC

219 incluídos por AVC < 24 meses

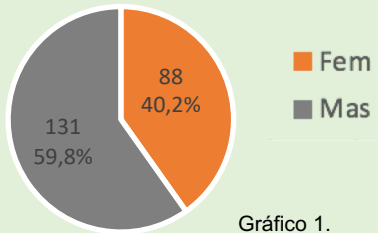


Gráfico 1. Distribuição por género

Na comparação entre géneros constatou-se que 59,8% eram homens, sem grandes diferenças na idade, no tempo de instalação, na percentagem de AVC inaugural e na autonomia para a marcha. As mulheres apresentaram valores inferiores na EEB e superiores no TUG, maior numero de pacientes com risco de queda e episódios de queda efetivos (Tabela 1).

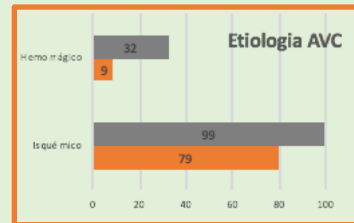
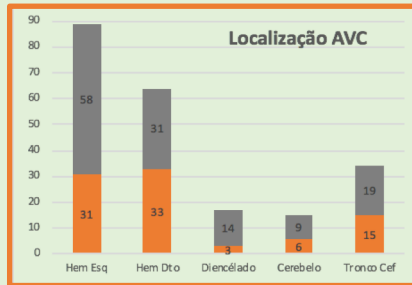
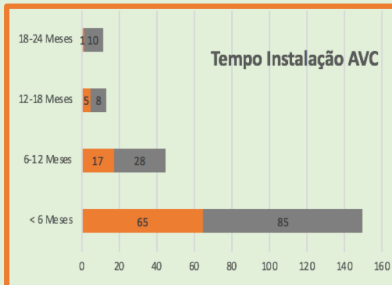


Gráfico 2,3 e 4. Caracterização clínica da amostra

VARIÁVEIS	Género Feminino	Género Masculino
	n=88 (40,2%)	n=131 (59,8%)
Idade (anos): mediana [min;máx]	66 [28;88]	67 [21;87]
Primeiro AVC: n (%)	69 (78,4%)	100 (76,3%)
Tempo de instalação AVC (dias): mediana [min;máx]	123,5 [18;724]	124 [14;710]
Pacientes com marcha autónoma: n (%)	74 (84,1%)	109 (83,2%)
Pacientes com risco de queda: n (%)	83 (94,3%)	107 (81,7%)
Pacientes com episódios de queda: n (%)	50 (56,8%)	55 (42,0%)
EEB (pontos): mediana [min;máx]	35 [3;55]	38 [0;55]
TUG (segundos): mediana [min;máx]	20,95 [7,33;87,56]	16,00 [8,46;108,16]

Tabela 1. Variáveis demográficas, clínicas e funcionais (por género)

Nos pacientes com marcha autónoma e com risco de queda este foi maioritariamente identificado simultaneamente pelos dois instrumentos utilizados, com maior expressão no género feminino, onde 33,3% sofreram quedas recorrentes (Tabela 2).

Género	n	Risco Queda		Episódios Queda		
		Critério	n(%)	Nenhum: n(%)	Um: n(%)	Vários: n(%)
Fem	69 (45,1%)	EEB	3 (4,3%)	1 (1,4%)	1 (1,4%)	1 (1,4%)
		TUG	3 (4,3%)	2 (2,9%)	0 (0,0%)	1 (1,4%)
		EEB + TUG	63 (91,3%)	25 (36,2%)	15 (21,7%)	23 (33,3%)
Mas	84 (54,9%)	EEB	11 (13,1%)	8 (9,5%)	1 (1,2%)	2 (2,4%)
		TUG	8 (9,5%)	5 (6,0%)	2 (2,4%)	1 (1,2%)
		EEB + TUG	65 (77,4%)	33 (39,3%)	16 (19,0%)	16 (19,0%)

Tabela 2. Pacientes com marcha autónoma e risco de queda (n=153)

Conclusão. Nesta amostra verificou-se uma percentagem elevada de doentes em risco de queda e com quedas sofridas, mais acentuada no género feminino o que pode ter implicações major no processo de reabilitação. Sugere-se a realização de outros estudos sobre a influência do género no risco de queda após AVC, de modo a permitir uma intervenção adequada, baseada numa avaliação de risco padronizada.